

os transmissores da máquina que se responsabilizam pela passagem da informação processada no motor de aquecimento até a este material de construção. Este material, o tijolo, é feito através do aquecimento da terra, sendo que imaginei o elemento do fogo como um bem essencial para a construção concreta da cidade. O fogo, o sol, o calor, eram então elementos essenciais para a construção deste lugar imaginário. Estas quatro secções eram como metáforas de certos pontos da cidade que sugeriam o começo da edificação de alguma coisa; no entanto apresentam-se incompletos na sua forma, como se esta obra tivesse sido abandonada ou não houvesse, por parte do sistema da cidade, a intenção de concretizar o seu acabamento final. O facto de existirem estes quatro pontos ao invés de apenas um, indicava também a sugestão de um percurso. De volta ao capítulo Rio de Janeiro – Pernambuco, podemos recuperar as viagens feitas pelo personagem de “Vidas Secas”, que devido às excessivas secas é obrigado a seguir a vida nómada. Assim sendo, é curioso comparar esta “máquina” a Fabiano, pois esta também apresenta vários pontos de paragem, dando-nos a sensação de um ritmo que tem que ser seguido, um deslocamento contínuo que não se consegue fixar num só ponto. Talvez que, dentro deste simulacro, a “máquina do fogo” não só produz todos os fatores climáticos ligados ao sol, mas também seja a responsável por uma construção nómada dentro da cidade. Depois de observar todas as máquinas, podemos sentir neste último mecanismo um esclarecimento sobre a maneira como a cidade se edifica e se vai desenvolvendo: de uma maneira pouco estruturada, sem uma direção fixa, sem um propósito racional.

Além das máquinas, a galeria também continha os vestígios que a cidade deixara. Os plintos exibiam os restos desta realidade fictícia, dando-lhes um comportamento de catalogação ou arquivo, de modo a que estes se parecessem a objetos arqueológicos. Estavam dispostos de uma forma muito clássica em termos museológicos, respeitando toda a arrumação do espaço de exposição. Por um lado, as máquinas mostravam como a cidade supostamente estaria a funcionar dentro da sua realidade, mas estes novos elementos mostravam um outro lado desta, pois ao contrário das máquinas, não mostravam nenhum tipo de funcionalidade tecnológica e sistematizada. Eram assim os seus fragmentos, que pareciam quase como achados arqueológicos, uma outra forma de comprovar a existência deste lugar. Enquanto que as máquinas davam ao espectador a impressão de que a cidade atuava como algo

Fig. 40



Fig. 41



operacional, executando sempre as normas que esta própria criara, estes objetos davam uma outra perspectiva sobre este lugar: era como se fossem as memórias dele ou talvez até os seus restos que estavam desativados dentro daquele sistema.

Do lado direito da mesa da “máquina do fogo”, estava um desses plintos que, voltava a explorar a materialidade da terra seca e aquecida, desta vez detalhando as suas particularidades e as várias formas que esta adquire (fig. 41). No tampo deste suporte assentava-se uma pedra com a aparência de um tijolo híbrido, sendo grande parte da sua matéria feita de terra compactada, mas também continha aglomerados de cimento que completava o seu corpo. Ao lado deste objeto agrupavam-se duas linhas de pequenos tubos de ensaio, estendidos horizontalmente sobre o tampo. Em cada um deles estavam inseridos vários grãos de terra de diversas origens: alguns estavam no seu estado puro de terra antes de ser cozida, noutros já a terra tinha sofrido o processo que a transformara em tijolo, e outros eram estilhaços de betão. As cores destes tipos de terra também variavam muito. Esta peça é notoriamente uma alusão à classificação metódica da cidade e é uma análise inventada de um dos materiais que esta possui. Poder-se-ia até dizer que era uma espécie de mostra ao espectador de como é que se processava e se geria um dos elementos da cidade (o da construção), mostrando as várias etapas por que esta passava, como se se tratasse de um arquivo com validação científica. Ao mesmo tempo alude a uma conotação de memória e de algo que está religiosamente guardado. Mostra-se aqui uma ordem restrita na sua arrumação, uma preocupação minuciosa na sua conservação e manutenção, e na sua organização formal, o que transportava este objeto do seu território de origem, onde ele era um material de construção, para um outro espaço que o transformava num objeto de arqueologia.

Em frente a este plinto, um outro exibia o mesmo material mas de uma outra forma (fig. 42): um estilhaço de um tijolo quebrado apresentava-se enrolado por uma gaze e por um bocado de papel milimétrico (o mesmo tipo de papel que eu usara como matriz para a execução dos mapas). A gaze aqui sugeria o efeito de proteção que é o tipo de sensação que associamos a este material curativo, mas também criava uma sensação de querer forçadamente amarrar este objeto ao papel milimétrico, como se estivesse a atribuir-lhe um padrão ou uma estrutura que ele teria que incorporar. Aqui, volta-se de novo à questão da cartografia como algo que marca e define um território, e desta vez, ao invés do mapa se colocar ao lado do objeto que quer “territorializar” (como na “máquina da terra”), faz parte do mesmo corpo. No fundo,

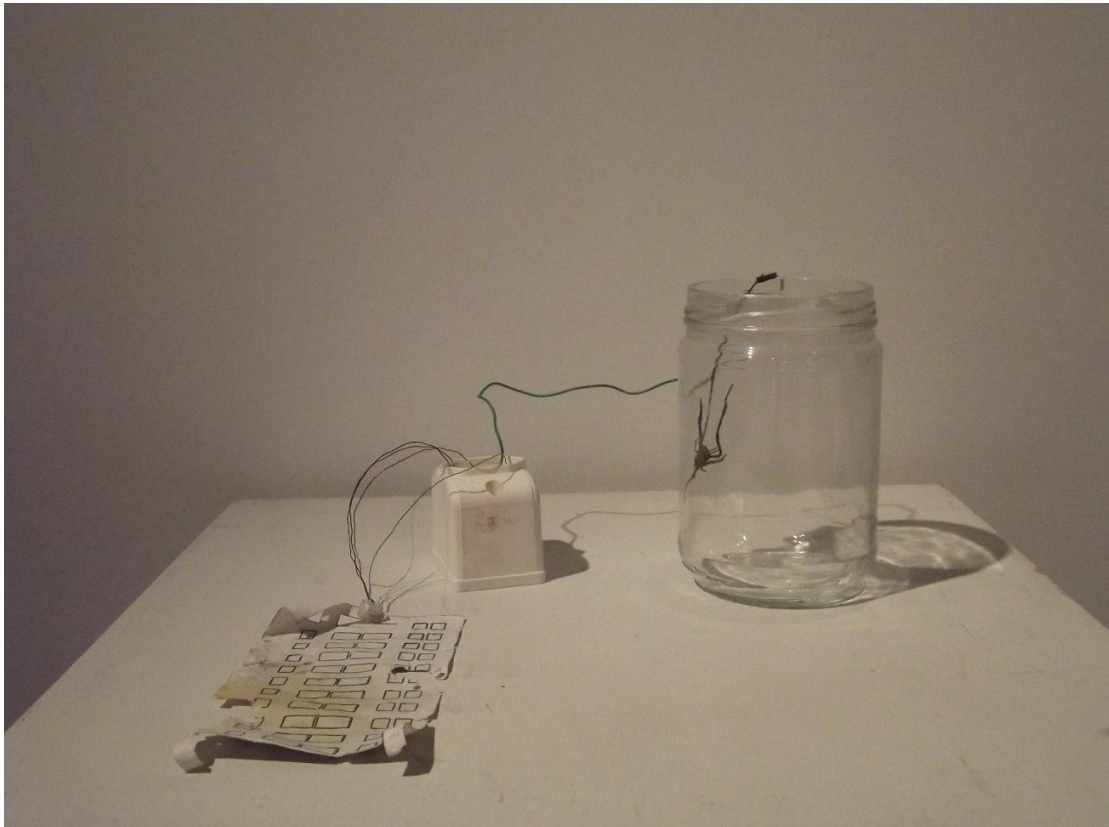
acabamos por nos questionar se este corpo seria só a terra cozida do tijolo, ou se seria também este conjunto de coordenadas e espaços milimétricos que o papel inclui. Consequentemente, a gaze aqui funciona como um selamento do compromisso entre a matéria deste vestígio e o seu espaço geométrico. Ao lado, encontramos um pedaço de cortiça também enfaixado por uma gaze. Se esta matéria servia como material isolador na “máquina da água”, aqui também se encontrava na situação de ser ela a própria isolada. Este fechamento também estava representado nos quatro cubos de vidro que se apresentavam à frente destes dois objetos enfaixados. De dimensões muito reduzidas, tinham retidos fragmentos de alguns materiais que já tínhamos encontrado nas máquinas. Um deles apresentava um pedaço de cortiça, outro um resto de um dos papéis enterrados que pertenciam à “maquina da terra”, outro uma pedra pequena de brita e no último cubo estava depositada uma porção de terra. Observando toda a obra incluída neste plinto, verificamos como ela se restringe a uma arrumação muito formal e esquemática, continuando a ter o mesmo peso de catalogação e de arquivo que encontramos na peça anteriormente mencionada.

No plinto do lado, encontrava-se uma escultura que parecia ser uma fracção de uma das máquinas da cidade mas que estava desagregada desta, ou então um dispositivo com a mesma funcionalidade maquinal mas com uma dimensão muito menor e com uma função mais simples (fig. 43). Dentro de um frasco de vidro transparente encontrava-se um ramo seco, ou uma ramificação de uma planta, que por sua vez estava agregado a um fio electrónico que se conectava a uma tomada exterior, de onde se ligavam também outros fios que estavam agregados a um mapa. Desta vez, não fui eu que elaborei este esquema cartográfico, foi algo que encontrei entre as minhas recolhas realizadas na Ilha do Fundão de modo que o mapa tinha uma textura bastante envelhecida e continha alguns rasgos no papel. Nele estavam desenhados filas de quadrados perfeitos, mas à primeira vista não se conseguia descodificar o significado destes ou a mensagem que queriam transmitir. Pareceu-me interessante introduzi-lo dentro desta escultura pois assim, poderia dar a ideia de ser uma espécie de código que estaria a enviar os seus dados ao ramo seco através dos fios electrónicos, ou poderia ser mesmo a representação cartográfica deste pequeno organismo. Para o público, a linguagem do mapa devia parecer completamente

Fig. 42



Fig. 43



incompreensível, pois este apresentava um tipo de desenho que em nada se ajustava ao corpo daquela matéria orgânica. Novamente, o espectador confrontava-se com uma lógica que só podia ser válida dentro deste mundo de simulacro, que a aceitava e a assumia como se fizesse sentido.

Por fim encontramos o plinto que exibia outros tipos de fragmentos: três frascos de vidro transparente conservavam em água salgada três resíduos de algumas matérias que eu recolhi também na ilha. O sal aqui assume o papel de material de conservação, pois além de ser uma matéria que comporta essa característica, consegue obter o mesmo aspeto denso do formol quando é misturado com água. Um dos frascos continha, além desta mistura, o resquício de um cogumelo seco que passou por várias experimentações no laboratório NANO. Antes de ser fechado, já tinha sido embebido em vários tipos de água tendo adquirido cores e aspetos diferentes. Agora estabilizado, o cogumelo não se alterava mas ia libertando vários componentes para a água, de modo que esta, de dia para dia, ia adquirindo uma cor nova (fig. 44).

Ao lado desta peça, outro frasco armazenava um outro despojo orgânico que quase se assemelhava a um cérebro humano (fig. 45). Na verdade, era a parte interior de um fruto proveniente de uma espécie de árvore denominada de abricó de macaco, originária da floresta amazónica. Porém, a origem deste objeto aqui foi completamente descaracterizada, e este elemento acabou por assumir outra identidade. Este é um fruto que se compõe de uma polpa gelatinosa muito leve, o que o faz absorver a água na qual flutua. Esta característica é interessante pelo facto de fazer com que este fruto obtenha várias formas e realize várias movimentações enquanto tapado no frasco. Talvez esta seja das peças mais vivas e dinâmicas em termos estéticos, mas ao mesmo tempo é daquelas que menos garante a sua preservação. No entanto, a decomposição deste fruto coloca uma outra posição curiosa na exposição: enquanto as máquinas se comprometiam a gerir o funcionamento contínuo da cidade, e apresentavam todo um sistema artilhado para que esta operação fosse viável (embora visualmente se apresentassem como aparelhos antigos, desativados e parados no tempo) esta obra que representava um dos vestígios da cidade em degradação, quase como se fosse algo perdido e sem utilidade, mostrava também um lado da cidade que ainda se movimentava e agia no tempo.

No último frasco, estava guardado um bocado de tronco com diversos níveis de relevo e vários grãos de terra despojados em cima deste (fig. 46). Esta massa de terra agarrou-se firmemente ao tecido da árvore, enfatizando assim os seus relevos e

dando uma nova materialidade a este elemento orgânico. Este permanecia imóvel dentro do frasco, tal como o cogumelo seco, oferecendo uma sensação de memória guardada, mas ao mesmo tempo tinha uma certa vivacidade como o fruto do abricó de macaco. Por alguma razão, esta posicionava-se perto da “máquina da terra”, pois apresentava algumas semelhanças com os papéis enterrados que se faziam passar por territórios.

Este último plinto é talvez o mais enigmático de todos. Por um lado, existe aqui o conceito de fechamento e de divisão como nos primeiros plintos que exibiam os fragmentos de tijolos, de terra e de cortiça. Estas peças descritas anteriormente mostravam os materiais da cidade como achados arqueológicos que passaram por um processo de segmentação, catalogação e armazenamento e guardavam estas substâncias orgânicas como arquivos. No outro lado, estes três frascos indicavam uma pista do presente, de algo que estaria a funcionar e a agir, ao invés dos outros objetos que se apresentavam como se fossem rastos do passado. É neste ponto que se coloca a questão da atividade ou inatividade da cidade. Ela balança entre dois polos: um que pretende provar o facto de ela ter um sistema operacional, e o outro que a mostra como uma cidade que se expõe qual achado arqueológico. Estas duas facetas tocam-se de maneira a que o limite entre elas seja imperceptível. A ambiguidade que este mundo inventado traz está no facto de apresentar uma lógica que só é coerente numa outra realidade, fechada em si mesma mas construída a partir da própria realidade a que se opõe.

Fig. 44



Fig. 45



Fig. 46



“There’s not out there another world where everything’s gonna be okay. There is just this one. Just this rock.”

A segunda exposição inaugurou no dia 27 de Junho de 2013, no Centro Cultural Municipal Sérgio Porto, desta vez sendo uma mostra coletiva de artes visuais. O evento intitulou-se de “Fronteiras” e além de trabalhos de artes plásticas, teve, no dia da inauguração, duas performances e um debate sobre corpo, visualidade e política.

Nesta exposição só expus uma peça, que se inseriu numa sala que integrava combinação de trabalhos e ideias de oito artistas. Embora as linguagens dos criadores fossem diversas, todos estavam inclinados na abordagem do conceito de “fronteira”. Na exposição anterior já tinha explorado este assunto através da criação de uma realidade fictícia, que questionava a fronteira que se criava entre a sua realidade e a do espectador que a observava. Os mapas também foram um item de abertura à questão de se criar linhas imaginárias dentro dos territórios, que levando para fora do espaço do papel, se podem transformar em fronteiras reais. Neste espaço cultural, quis continuar a levar esta cidade para o espaço de exposição, mas desta vez abordando um outro conceito sobre este assunto.

Numa das minhas experiências com os elementos orgânicos, recolhi na Ilha do Fundão, um cogumelo seco de um tamanho razoavelmente grande e guardei-o dentro de um frasco cheio de água misturada com sal grosso. Deixei-o ficar de molho alguns dias de modo a que absorvesse algumas propriedades do sal e inchasse com a água. Quando o retirei, já este tinha outra aparência, parecia que estava vivo outra vez, as suas cores acastanhadas e mostarda pareciam mais luminosas e a sua textura agora era húmida e esponjosa, além de ganhar uma maior dimensão com a absorção da água. Seguidamente, deixei-o secar durante uns dias dentro de um armário escuro e o cogumelo ganhou um outro aspecto: agora tinha a cobertura toda ressequida, apresentava várias rugas, mostrava uma textura seca e dura, os seus tons jogavam com diversos tipos de cinza e preto, e algumas áreas encobriam-se de pontos brancos devido à absorção do sal, misturando-se também com algum bolor. Curiosamente a dimensão deste não diminuía no seu processo de secagem. Quem olhasse agora para este novo elemento, dificilmente adivinharia a sua identidade original, pois como consequência tinha adquirido o aspeto de uma pedra (figs. 47 e 48). É curioso notar que na última peça descrita em “Mapping”, o sal e a água conseguiram dar um efeito de preservação e conservação, e nesta estas duas matérias foram ainda mais longe, ao